

O amor não tem bons sentimentos: o que a psicanálise pode dizer?
O amor não tem bons sentimentos: what can psychoanalysis say?

Bruna Rafaela Calasans LEONCIO¹
Larissa Gabrielly Sousa dos SANTOS²
Ana Paula Lourenço de SÁ³
Fernanda Wanderley Correia de ANDRADE⁴

Resumo: Este artigo tem como objetivo refletir sobre a loucura do protagonista Mateus, em *O amor não tem bons sentimentos* (2007), do escritor pernambucano Raimundo Carrero, a partir de uma abordagem Psicanalítica. Tal perspectiva procura se contrapor à lógica biomédica, da Psiquiatria Clássica, indo além de causas orgânicas, no que se refere à explicação da loucura. Prioriza as vicissitudes das relações primárias como ponto chave para uma constituição subjetiva saudável (ou não), focando, principalmente, nas nuances do vínculo mãe-bebê, o qual precisa ser mediado por um terceiro, para nos tornarmos sujeitos interditados ao gozo materno. Essa operação simbólica de corte (castração) pode nunca ter acontecido para o personagem em questão, que procura recriar a todo momento a sua realidade dolorosa, tendo como base sua relação com o Outro absoluto. Isso pode ter desencadeado o quadro clínico da psicose como uma alternativa para Mateus suportar o seu sofrimento psíquico, remodelando delirantemente a realidade intolerável. Para fundamentar teoricamente essa hipótese, realizamos uma análise sobre a obra literária, conciliando com uma pesquisa bibliográfica, no campo da psicanálise, contemplando, assim, estudos prévios referentes à temática da psicose. Portanto, o presente artigo pode contribuir para as ciências humanas - principalmente, a Psicologia/Psicanálise -, pois enfatiza a literatura como uma ferramenta para o fazer científico. Assim, este trabalho pode ser usado como referência no sentido de utilização de obras literárias para a construção de um raciocínio clínico.

Palavras-chave: O amor não tem bons sentimentos. Literatura. Psicanálise. Psicose.

Abstract: This article aims to reflect on the madness of the main character Mateus, in *O amor não tem bom sentimentos* (2007), by the writer from Pernambuco Raimundo Carrero, from a Psychoanalytical approach. Such perspective seeks to oppose the biomedical logic of Classical Psychiatry, going beyond organic causes, with regard to the explanation of madness. It prioritizes the vicissitudes of primary relationships as a key point for a healthy subjective constitution (or not), focusing mainly on the nuances of the mother-infant bond, which needs to be mediated by a third party, in order to become subjects interdicted to maternal enjoyment. This symbolic cutting operation (castration) may never have happened to the character in question, who seeks to recreate his painful reality at every moment, based on his relationship with the absolute Other. This may have triggered the clinical picture of psychosis as an alternative for Mateus to support his psychic suffering, deliriously reshaping the intolerable reality. To theoretically support this hypothesis, we carried out an analysis of the literary work, combining it with bibliographical research in the field of psychoanalysis, thus contemplating previous studies on the subject of psychosis. Therefore, this article can contribute to the human sciences - mainly Psychology/Psychoanalysis - as it emphasizes literature as a tool for scientific work. Thus, this work can be used as a reference in the sense of using literary works for the construction of clinical reasoning.

Keywords: O amor não tem bons sentimentos. Literature. Psychoanalysis. Psychosis.

DOI: <http://dx.doi.org.10.24024/23579897v31n1a2022p33053>

Introdução

Nascido em Salgueiro, cidade do sertão de Pernambuco, o escritor Raimundo Carrero possui inúmeras obras reconhecidas e premiadas na literatura brasileira, tendo sido o seu romance *Somos pedras que se consomem* eleito um dos 10 melhores livros de 1995. Escritor e

¹ Graduanda em Psicologia | Faculdade Frassinetti do Recife | FAFIRE | E-mail: brunarafaelecalasans@grad.fafire.br

² Graduanda em Psicologia | Faculdade Frassinetti do Recife | FAFIRE | E-mail: larissagabriellysousa@grad.fafire.br

³ Mestre em Educação | UFPE | Especialista em Cultura Pernambucana | FAFIRE | professora da FAFIRE | orientadora deste trabalho | E-mail: anas@prof.fafire.br

⁴ Doutora em Psicologia Cognitiva | UFPE | professora da FAFIRE | psicóloga clínica do CAPSi-CEMPI | coorientadora deste trabalho | E-mail: fermandaa@prof.fafire.br

também jornalista, trabalhou por 25 anos no Diário de Pernambuco, além de ter cursado Ciências Sociais na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Começou a se interessar por literatura através de uma biblioteca improvisada do irmão mais velho, que continha exemplares de José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Shakespeare e Ibsen. Em 1970, participou ativamente do Movimento Armorial, criado por Ariano Suassuna, que procurou consolidar uma arte brasileira erudita, a partir de elementos da nossa cultura popular, privilegiando a cultura nordestina (BEZERRA, 2009). Embora Raimundo Carrero apresente mais de 21 obras publicadas, analisaremos, neste artigo, apenas *O amor não tem bons sentimentos* (2007).

Mateus, protagonista dessa obra, encontra-se transitando entre o mundo físico e o irreal, uma vez que apresenta construções delirantes que o fazem se afastar da realidade, em vários momentos de sua narração. Para a Psicanálise freudiana, esse quadro clínico pode ser caracterizado como da ordem da Psicose, na qual existe a perda da conexão do ego – o “eu” do sujeito – com o mundo real, resultando em prejuízos com a realidade, por exemplo, como ocorre na esquizofrenia, segundo Zimmerman (1999, *apud* LINS, 2007).

Sendo a Psicanálise a abordagem que iremos adotar para compreender a condição clínica desse personagem, levantamos o seguinte questionamento: Como Mateus se tornou quem é? Diante disso, responder a essa pergunta permite-nos elaborar um diagnóstico sobre o protagonista carreriano, lançando mão de sua história de vida, que retrata relações intersubjetivas singulares, as quais nos fornecem embasamento para compreender a origem de sua loucura. E como este estudo possui caráter científico, será provocador para que o leitor levante reflexões sobre diversas temáticas que poderão surgir, como identidade pernambucana, relações objetais primárias, processo de constituição subjetiva, complexo edipiano, metáfora paterna, delírio e psicose, entre outras.

Isso porque, embora livros literários possam apresentar elementos ficcionais em suas narrativas, eles podem servir como base para problematização da realidade psíquica. Portanto, mesmo que esta obra literária retrate a singularidade da subjetividade do autor, trazendo elementos conscientes e inconscientes de sua própria existência, ela pode permitir refletir, de uma forma geral, sobre a condição humana. E, como tal, a literatura pode ser uma ferramenta para o fazer ciência. Portanto, este artigo poderá contribuir para a Psicologia/Psicanálise, pois evidencia a possibilidade de criar um raciocínio clínico pela análise de personagens fictícios. Assim, a psicologia/psicanálise podem ser beneficiadas pelos conhecimentos de outras áreas disciplinares, a exemplo da literatura, filosofia, mitologia, sociologia, entre outras.

Para isso, realizou-se uma leitura minuciosa da obra *O amor não tem bons sentimentos* (CARRERO, 2007), a qual permitiu uma análise, interpretação e levantamento de uma hipótese diagnóstica que explique a condição psicológica do protagonista, por meio da aplicação de conceitos da Psicanálise. Sendo assim, a metodologia utilizada para a construção deste trabalho baseia-se em uma pesquisa bibliográfica, conciliada com a análise de uma obra literária. Desse modo, a elaboração deste estudo consistiu na busca de artigos científicos por diferentes plataformas, principalmente, o Google acadêmico, Scielo e PePSIC, utilizando as seguintes palavras-chave: Psicose e incesto; Relação mãe-bebê e Psicose; Psicanálise e Psicose; Édipo e Lacan. Ademais, também foram utilizadas as obras *O mal-estar na civilização*, de Freud (1930), e *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*, de Dor (1989). Assim, o objetivo deste artigo comporta uma proposta de analisar a loucura do protagonista carreriano, a partir de uma abordagem psicanalítica (freudiana, winnicottiana e lacaniana).

Uma perspectiva psicanalítica sobre a ruptura com a realidade

De antemão, a loucura, por muito tempo, foi explicada por uma lógica Psiquiátrica, na qual as causas biológicas dos distúrbios mentais eram consideradas as mais importantes. Sua origem é endógena, dentro do organismo, e se refere a alguma lesão de natureza anatômica ou distúrbio fisiológico cerebral. Nesta visão organicista, predominante no paradigma da Psiquiatria Clássica, o sujeito se reduzia às suas patologias. Os “loucos” eram estigmatizados pela sociedade, destacando-se os papéis dos manicômios nesse processo sociocultural de enfrentamento da loucura. Contudo, o surgimento da Psicanálise, no final do século XIX e no início do século XX, permitiu consolidar critérios de diagnóstico que se diferenciam do discurso psiquiátrico, como apontam Santos e Lessa Andrade Filha (2016).

O campo psicanalítico permitiu, portanto, o surgimento de uma nova visão de ser humano, que vai além daquilo que a sua dimensão biológica dita e se apresenta, sendo tais fatores limitantes para explicar a complexidade da constituição psíquica do ser humano. Desse modo, os estudos psicanalíticos permitem realizar uma torção na compreensão da loucura, no sentido de não conceber um sujeito como “habitado por” ou “portador de” uma doença, mas um sujeito que adocece, sendo os seus sintomas concebidos como produto do seu mundo psíquico, em termos de como lida/enfrenta os seus conflitos internos.

Além disso, a psicanálise enfatiza que as relações objetais primárias, mais particularmente o vínculo mãe/cuidador-bebê, são fundamentais para a constituição psíquica saudável e,

consequentemente, as falhas nesta tenra vinculação podem comprometer esse processo de subjetivação, possibilitando o surgimento de psicopatologias. Sobre tal perspectiva, existem diversos estudos dentro da Psicanálise que apontam como imprescindíveis os cuidados iniciais pela figura materna (ou figura substituta), e que assinalam, também, a importância da interferência paterna na díade mãe-bebê, permitindo à sua prole uma constituição subjetiva saudável, que irá possibilitar a formação de um ego integrado, regido pelo princípio da realidade. Assim, destaca-se a relevância da relação mãe-bebê nesse processo de subjetivação, proporcionada pelo *holding materno*, a qual permite ao sujeito reconhecer-se em uma imagem especular ofertada pela figura materna e, consequentemente, estabelecer a identificação primordial com a mesma. “Nesse processo de identificação fundamental, a criança apreende sua própria imagem, antes esfacelada, como uma totalidade unificada, o que lhe permitirá promover a estruturação do Eu” (RAMIREZ, 2004, p. 92).

Entretanto, o bebê não pode se encontrar inteira e plenamente naquilo que a mãe lhe diz, visto que ele é muito mais do que ela lhe oferta. Ele não pode permanecer capturado e assujeitado ao desejo dela. Por isso, a própria mãe, tendo inscrita nela a função paterna, deverá dar margem para a emergência de um sujeito de desejo. Assim, caso haja uma falha neste vínculo primordial, o bebê ficando aprisionado à figura materna, constituindo-se como mera extensão da mãe, pela falha da operação simbólica de corte relativa à função paterna, a criança corre o risco de psicotizar. Desta forma, a falha desse vínculo inviabiliza a concretização da individualização no sujeito que pode resultar em um quadro psicótico (RIANI; CAROPRESO, 2013). Na teoria freudiana, no psiquismo psicótico, a libido não encontra o caminho dos objetos e da realidade externa e, por isso, o sujeito termina tomando o Eu como único objeto de investimento e satisfação, ou seja, há um retraimento de toda a sua energia pulsional para si, como uma forma de o sujeito escapar da condição de sofrimento que a realidade lhe causa (MORAIS; OLIVEIRA; GUSMÃO, 2020).

Tomando essa linha de pensamento, muitos pesquisadores, em especial Lacan e seus seguidores, dedicaram-se em voltar os seus estudos para as relações parentais precoces, tendo em vista que as vicissitudes da relação mãe-bebê e os seus impactos (ou não) pela metáfora paterna possuem importância primordial na formação das estruturas clínicas.

Lacan (apud DOR, 1989) enfatiza a importância da inscrição do Significante Nome-do-pai como uma interdição/mediação dos desejos incestuosos entre a mãe e a criança, instaurando, assim, a castração simbólica, retirando a criança do lugar de falo materno. Esta operação simbólica de corte é extremamente importante para o processo de constituição subjetiva da

criança, sendo introduzida por um terceiro, no exercício da função paterna, o qual poderá ser o próprio pai da criança ou outro membro da família e, até mesmo, o próprio trabalho da mulher-mãe, que atrai o seu investimento libidinal para qualquer outro lugar, objeto, atividade, além do(a) seu(sua) filho(a).

Desta forma, a criança passa a se interrogar se é ou não o falo, além de lidar diretamente com a Lei estabelecida pelo pai. Assim, a ausência da metáfora paterna não permite que a criança se beneficie dos efeitos estruturantes do atravessamento do complexo edipiano:

Na ligação estreita deste remeter da mãe a uma lei que não é a sua, com o fato de que o objeto de seu desejo é possuído ‘soberanamente’ por esse mesmo ‘outro’ à lei do qual ela remete, temos a chave da relação do Édipo e do que constitui o caráter tão essencial, tão decisivo desta relação da mãe, tal como lhes peço para isolar como relação não ao pai, mas à palavra do pai (...) Com sua presença privadora, ele [o pai] é aquele que sustenta a lei, isto é, se faz não mais de uma forma velada, mas de uma forma mediada pela mãe, que é a que o coloca como aquele que lhe dita a lei. (LACAN, 1958, apud DOR, 1989, p. 86).

Dito isso, ao utilizarmos a perspectiva Freud-Lacanianiana, observamos que Mateus carece de referências materna e paterna saudáveis, caracterizando uma falha no seu processo de subjetivação, a qual nos remete à estrutura clínica da psicose. Como consequência da fragilidade destas fundamentais operações simbólicas no interior da família de Mateus, ele se defende da realidade dolorosa, instaurando fendas na mesma, preenchendo-as por metáforas delirantes. Aqui destacamos a teoria freudiana, para a qual os delírios constituem tentativas de restituição do mundo interno.

Na obra, os delírios que acometem o personagem são visíveis pela presença da atemporalidade de seus pensamentos – fazendo com que o mesmo se perca entre o passado, o presente e o futuro – e pelos princípios falsos de suas construções da realidade. Por tais motivos, o personagem carreriano torna-se marcante, em virtude da inconstância angustiante de sua mente. A dualidade existente que impera em seu ser, revelando uma dissociação psíquica, torna-se a peça-chave para as tentativas de compreensão acerca do que se passa em sua vida, chegando, muitas vezes, a ser considerada uma incógnita, diante de tantas facetas que são apresentadas por ele. Para melhor compreensão desse fenômeno, a desintegração egóica será explanada melhor nos próximos tópicos. Passemos, então, a uma breve análise e resumo da obra.

Um resumo e uma breve análise da obra

O amor não tem bons sentimentos foi publicado, pela primeira vez, em 2007, tendo como temática a loucura. A história tem como cenário a cidade do Recife, em uma época que remete ao Brasil do século XX, sendo Mateus o protagonista desta obra literária. A narração não é linear e a constante alternância entre os tempos (presente, passado e futuro) pode dificultar a leitura.

O protagonista é um jovem músico que toca Saxofone pelos arredores de Recife, mais especificamente, em cabarés. Enfatiza, durante a narração, sentir-se muito indiferente em relação a tudo, deixando explícito estar magoado com o mundo. Tendo sido separado da sua mãe biológica, logo após o seu nascimento, foi entregue para morar no casarão da praça Chora Menino, com a sua tia Guilhermina, a qual exerceu a função de mãe, proporcionando-lhe os cuidados maternos.

Guilhermina trabalhava e arcava com todas as despesas de Mateus, embora ambos não tivessem uma relação de muito diálogo, exceto quando necessário. Na visão de Mateus, há duas Guilherminas, expressando uma dissociação da figura materna: uma mais séria, que é aquela que as pessoas observam no cotidiano, e a outra, a da vida privada, a que fica em casa e canta, como uma típica cantora de cabaré, uma vez que ela apresenta o estereótipo de uma, ao se enfeitar, ter cabelos longos e possuir elegância. “Quando cantava à noite, com todos aqueles cuidados, parecia uma prostituta de luxo. Tia Guilhermina era doida para ser prostituta e não podia” (CARRERO, 2007, p. 166), de modo que a sua performance era destinada apenas a uma plateia “imaginária”.

Chega um certo momento da adolescência de Mateus que Guilhermina resolve revelar a sua verdadeira origem, contando-lhe que a sua mãe biológica, Dolores, fora presa, acusada de assassinar a tiros o próprio marido, Ernesto Cavalcante Rego, conhecido como “O rei das pretas”. Este violentou a própria filha, assim como possuía uma fetichização por mulheres negras, sendo também “pai” de Mateus. Ao descobrir a sua verdadeira história, Mateus demonstra indiferença, pois tia Guilhermina exercia, bem ou mal, os cuidados maternos: “É certo que eu jamais perguntei pela minha mãe. Nunca precisei. Havia ali uma mulher que me cuidava” (CARRERO, 2007, p. 28). Ele nunca procurou se questionar se Guilhermina era, de fato, sua genitora. Então, por que, realmente, não se importava?

Após a revelação da verdade sobre a sua mãe biológica, Mateus é enviado por Guilhermina para cuidar da casa de Dolores, em Arcassanta, e destinado a lhe fazer visitas no

presídio do Bom Pastor, em Recife. Ao chegar nessa residência, ele se questiona sobre a morte do seu suposto pai - se homicídio ou se, na realidade, não foi um suicídio - chegando a simular como isso poderia ter acontecido, usando um guarda-chuva como arma. Na narração, esse homicídio é um enigma, embora Costa (2014) afirme que em *O amor não tem bons sentimentos* está esclarecido: Dolores, de fato, assassinou seu marido.

Ao ir conhecendo a casa, ele encontra um álbum de fotografias dos seus pais e irmãos: Jeremias, Ísis e Raquel. O personagem Jeremias tivera relações incestuosas com as suas irmãs, das quais resultou o nascimento da menina Biba, filha dele com Ísis. E não apenas se relacionou com ambas, mas também com a sua mãe Dolores. Como apontado por Amorim (2009), Mateus é o resultado desse incesto, embora este reconheça Jeremias apenas como o seu irmão mais velho, pois, aparentemente, não sabe desse fato, acreditando ser Ernesto o seu pai: “Jeremias, que era o mais velho, o grande homem, o orgulho e a salvação, o músico e o pastor, aquele que parecia mais severo” (CARRERO, 2007, p. 37). Entretanto, apenas Mateus fica responsável em cuidar da casa em Arcassanta e visitar Dolores, como já mencionado, já que os seus irmãos estavam em uma missão religiosa de pregar em cidades do interior pela seita religiosa liderada por Jeremias, chamada “Os soldados da Pátria Por Cristo⁵”:

Dizem que o pastor está rico, a qualquer momento pode comprar um canal de televisão, já adquiriu jornal e rádio, embora várias vezes tenha sido acusado de extorsão, roubo, pedofilia e estupros, sempre defendido pelos fiéis, pelas mulheres vestidas de preto chorando lágrimas de sangue. (CARRERO, 2007, p. 51)

As visitas que ocorriam no presídio não eram regidas pelo diálogo, pois Dolores demonstra ser muito fechada em sua socialização, ou seja, é o seu silêncio, paradoxalmente, a “ponte comunicativa” entre os dois. Entretanto, há uma certa satisfação nisso, pois a introversão de Dolores é um dos aspectos de sua personalidade mais intrigante para Mateus. Após cumprir a sua pena, ela retorna para sua casa, o que permite a ambos, mãe e filho, compartilhar o mesmo ambiente. Contudo, essa relação não fica na dualidade imaginária, pois a menina Biba é enviada, por Jeremias, para ser criada por Dolores.

Mateus é quem exerce os cuidados esperados de um pai para Biba, mas, ao mesmo tempo, de tio e irmão, pois um dos princípios da família Cavalcante do Rego seria a falta de uma definição de papéis familiares, ou melhor dizendo, de funções simbólicas bem estabelecidas.

⁵ A seita, inicialmente, tinha como propósito idealizado pelo “profeta” Jeremias amparar os marginalizados pela sociedade, mas se desviou de sua meta, pois a seita se tornou palco de decadência humana, com o uso da violência, exploração e falsos milagres: Jeremias é um falso profeta (COSTA, 2014).

Devido aos vários incestos cometidos pelos membros da família, que é um tabu para a sociedade, podemos considerá-la como uma família disfuncional. E, como tal, o segredo das relações de parentesco é um laço que une essa família: “Na nossa família as coisas se resolvem aqui mesmo, não precisamos de estrangeiros para nada. Nem de outros lábios, nem de outras bocas, nem de outros corpos” (CARRERO, 2007, p. 63). Nessa passagem, Mateus não aparenta condenar o incesto. Pelo contrário, parece ir de acordo com essa prática, que se revela transgeracional.

Na dinâmica desse ambiente familiar, Mateus vai construindo uma aproximação maior com Biba, na qual ambos vão mantendo algumas relações sexuais ao longo da narrativa. Há uma possibilidade de que esse vínculo caracterize um abuso por parte dele, já que não há informações explícitas sobre a idade de Biba, a qual é descrita, por ele, como uma menina, além dos laços de parentesco que existem entre os mesmos. É algo que fica aberto a diversas interpretações pelo leitor. Ele até tenta defendê-la do assédio dos meninos que brincavam perto da sua casa, apesar de ele próprio sexualizá-la. Mateus também a idealizava como o seu “peixinho dourado”, fazendo referência aos peixes do Rio Capibaribe e a uma obra de Hermilo Borba Filho também alusiva à uma violência sexual contra uma menor. Em alguns trechos, o personagem apresenta sentimentos hostis para com ela: “Aí eu me vingava, me coçava também e dizia bela bundinha Biba, repetia, escandalizava. Sempre me vinguei dela me coçando” (CARRERO, 2007, p. 100).

Dolores parece ter uma maior aproximação com Biba, colocando-a para dormir em seu quarto, além de fazerem serviços domésticos juntas. Isso faz Mateus pensar que esse vínculo é uma trama contra ele, pois acredita que Dolores sente ciúmes da sua relação com a menina. Ele levanta muitos questionamentos sobre isso, atribuindo uma percepção de estar sendo afastado dessa relação: “mulheres são assim, gostam somente delas” (CARRERO, 2007, p. 87). E a partir do desfecho, percebe-se que a dinâmica desse ambiente é pautada na falta de diálogo. Como dito antes, os segredos é o que parece unir essa família. Contudo, esse "pacto" de silêncio é quebrado quando Mateus encontra o corpo de Biba nas águas sujas do rio Capibaribe, aparentemente assassinada e nua: "Era apenas uma menina. Boiava nas águas barrentas do rio. Os braços abertos, as pernas abertas, o sexo aberto, posso assegurar porque conheço o segredo do seu corpo" (CARRERO, 2007, p. 16).

É interessante constar que ele já acorda próximo das margens, mas não sabe como chegou ali. Isso porque Mateus não tem uma percepção clara dos fatos, pensa ser controlado pelos pensamentos de outros. Até tenta criar hipóteses do que poderia ter acontecido, se foi, de fato,

um homicídio ou um suicídio. Perguntando-se, inclusive, sobre a possibilidade de ter sido ele o autor do crime. Porém, devido às suas alucinações, e por achar que é controlado por terceiros, não se reconhece como o autor desse assassinato.

O fato de Dolores também ser encontrada morta não permite compreender os antecedentes, saber se ocorrera um homicídio ou um suicídio. E se, de fato, tudo isso aconteceu, pois toda a narração é sobre o ponto de vista de Mateus, e, como tal, contraditória e não muito confiável: “Devo logo dizer em minha defesa: a mentira é uma das melhores qualidades do meu caráter” (CARRERO, 2007, p. 34). A partir disso, iremos ao encontro das teorias psicanalíticas que podem explicar a condição de Mateus.

Diagnóstico: o que a psicanálise pode dizer?

De antemão, vale ressaltar que os personagens carrerianos tendem a ser inclinados à loucura (AMORIM, 2009). Sendo assim, em *O amor não tem bons sentimentos* não haveria uma exceção, devido ao protagonista apresentar um quadro clínico psicótico. Em uma das passagens, Mateus se mostra indiferente ao encontrar o corpo de Biba, que o faz pensar estar louco, por não conseguir sentir nada: “Diante da minha insensibilidade, pensei que era a loucura se instalando definitiva, porque devia me emocionar pelo menos com a nudez.” (CARRERO, 2007, p. 43). Pode-se dizer que a Psicopatologia que pode estar presente nesse personagem deve ser analisada a partir das suas relações objetais primárias, percepção sobre o seu abandono e o ambiente familiar hostil e incestuoso, metáforas delirantes, alucinações, que podem ter prejudicado a sua integração psíquica, resultando em um específico quadro de adoecimento psíquico.

Um ponto que precisamos retomar, neste momento, é que as relações objetais primárias são imprescindíveis para uma constituição subjetiva saudável, como aponta a Psicanálise, principalmente no que se refere ao vínculo mãe/cuidador-bebê, inicialmente de caráter simbiótico e fusional, já que nos primeiros meses de vida o bebê se vê como extensão da mãe, ou seja, como parte dela.

Inicialmente, o seio materno nem é percebido pela criança como não fazendo parte dele mesmo. É necessária uma interdição nessa relação primordial, a qual deve ser mediada pela função paterna, o *não* no discurso, para que o sujeito reconheça sua existência para além da sua relação com a figura materna. Assim, percebendo-se como um ser diferenciado, separado, distinto de sua mãe, em lugar de ficar como um mero objeto de gozo do Outro. Isto é, constituir-

se como um ser capaz de se dizer e de se posicionar frente aos seus próprios desejos. Uma vez que o filho torna a mãe o seu primeiro objeto de amor, de desejo, é esperado que este laço seja interdito, a fim de lhe permitir conhecer a realidade que vai além dela, estabelecer, assim, relações intersubjetivas com outros seres, isto é, o filho pode reconhecer outras pessoas ou coisas também como objetos de desejo. Assim, ele não pode ficar aprisionado/capturado ao desejo materno, o que o impediria de se tornar um sujeito com desejos próprios.

A ausência da instância mediadora (pai) na relação mãe/cuidador-bebê parece estar presente na subjetividade de Mateus, o que pode ter ocasionado uma estruturação psicótica. É de notória percepção que ele se sente entregue a um destino sombrio pré-estabelecido, e que, portanto, a aleatoriedade, casualidade e incerteza dos fatos não se fazem presentes, pois, na sua visão, os seus pensamentos são controlados por terceiros. Sendo assim, por não ter tido essa diferenciação do outro e pelo narcisismo demasiado próprio da sua condição psicológica, ele se prende a um princípio falso presente nas suas construções delirantes. Diante disso, é fundamental retornarmos a alguns fatos da narrativa, para dar prosseguimento à compreensão sobre a gênese da sua possível psicopatologia.

O primeiro vínculo que será destacado é entre Mateus e sua tia Guilhermina, já que foi ela quem exerceu cuidados primários da infância, após a sua separação precoce de Dolores: "fui afastado da minha mãe no primeiro dia do nascimento" (CARRERO, 2007, p. 23). Sendo assim, Guilhermina exercia, bem ou mal, a função de "mãe", visto que esses cuidados primários aparentassem ter uma natureza "mecânica", isto é, uma obrigação solicitada, e nada mais além disso. Tal fato pode ter justificativa em um não investimento afetivo dela, na ausência de um verdadeiro desejo em querer cuidar de Mateus, por medo, o que torna essa relação desprovida de segurança. Podemos visualizar isso quando Mateus relata que ela nunca o tocava em seu "sexo", em suas partes íntimas, pois essa personagem aparenta ter uma aversão ao ser masculino, apesar de desejar homens: "Senti pena, uma grande pena daquela mulher que desejava homens e tinha medo deles" (CARRERO, 2007, p. 164). Este fato explica a ambivalência dela, pois, mesmo que exerça os cuidados maternos, ao mesmo tempo, tem uma repulsa por Mateus, em virtude de ele ser uma representação masculina. Ela apenas o chamava de "menino", e nunca de "homem".

E vale ressaltar que a erotização/erogenização, o toque revestido de afeto sobre o corpo da criança pela mãe – ou da pessoa que exerce essa função – é essencial para que o indivíduo integre a sua psique e o seu corpo e, também, reconheça a sua imagem como um ser diferente daquele que o gerou (SILVA; LEMGRUBER, 2017). Ou seja, essa falta de investimento afetivo

nos cuidados maternos, assim como a falta de interação entre eles, já que “os dois viviam na mesma casa e sem nenhum tipo de cumplicidade, envolvidos pelo silêncio” (CARRERO, 2007, p. 32), podem ter sido os primeiros fatores que contribuíram para o prejuízo na condição psíquica de Mateus.

De acordo com Silva (2016), não é possível enxergar o bebê sem a presença daquela(e) que exerce a maternagem, pois o mesmo não pode ser pensado isoladamente. Logo, as relações materno-infantis possuem caráter fundamental, de modo que as mesmas se estabelecem antes mesmo do próprio nascimento da criança. É a partir desses cuidados maternos primários, exercidos pela mãe ou figura substituta, que a criança poderá não apenas sobreviver, como também terá a primeira experiência simbólica de sentir-se desejado, amado e protegido.

Na perspectiva winnicottiana, ao oferecer esse apoio emocional e físico, através do *holding* materno, tido como uma das funções de uma "mãe suficientemente boa", esta figura materna lhe oferece algo imprescindível para a formação e integração egóica do bebê. Por este conceito, entende-se que os comportamentos que a mãe possui com o bebê devem ser capazes de assegurar e proporcionar, além do que foi dito acima, um continente para as suas angústias, medos e inseguranças, caracterizando a presença materna como um fator desintoxicante para o mesmo (SILVA, 2016). Permite, assim, que o *self* do indivíduo se concretize de uma forma saudável. Caso contrário, a falta de um *holding* materno pode ocasionar um falso *self*, ocasionando, em certos casos, o surgimento de patologias, pois ocorre o impedimento da ascensão do verdadeiro *self*.

A falta de um *holding* materno pode resultar em um quadro psicopatológico, levando em consideração a deficiência de verdadeiras representações, pois o bebê não goza das influências fundamentais que provêm do *holding* para a formulação do *self* (MONTEIRO, 2003). E, caso assim seja, o seu ego pode constituir-se de forma fragilizada, a ponto de fragmentar-se: "meus pensamentos são uma coisa e eu sou outra" (CARRERO, 2007, p. 98). Notamos, por esse trecho, que a percepção de Mateus carrega uma dissociação psíquica. Isso possui uma forte aproximação com a estrutura clínica da Psicose, na qual o indivíduo se encontra em tamanho desamparo, que fragmentar/desintegrar a sua identidade em várias partes pode ser a solução mais viável para lhe ajudar a suportar o mundo hostil, ou pelo menos assim percebido. Por isso há os delírios: um fenômeno para tornar a realidade menos angustiante e compreensível ao sujeito (BATISTA JÚNIOR; DACORSO, 2019).

Para Amorim (2009), parte da angústia de Mateus é causada por se sentir perseguido e abandonado pelo mundo, o que resulta nos seus múltiplos “eu”, que vão lhe ajudar a se defender.

Um dos seus “eu” é representado por uma figura humana imaginária que lhe acompanha: “um homem vestido de branco, sapato de duas cores, chapéu Panamá, o paletó aberto” (CARRERO, 2007, p. 43). Para Mateus, esse sujeito é uma ponte para se manter dentro da realidade e fugir da loucura. Tal representação pode indicar a pessoa que ele gostaria de ser. Isso porque existe uma forte adjetivação sobre essa figura humana como “elegante”, criada em sua subjetividade, podendo caracterizar uma afeição narcisista, ou seja, um amor por uma projeção de si mesmo.

Ainda, segundo esse autor, *O amor não tem bons sentimentos* é marcado pela dissociação psíquica/desintegração egoica em Mateus. É de notória percepção a alternância temporal das memórias e sentimentos do personagem, de modo que os mesmos se ressignificam em extrema constância, permitindo reviver o passado, criando versões e possibilidades diferentes para acontecimentos que ocasionaram algum desconforto para ele. Ao analisarmos isso, notamos que há uma instauração da instabilidade psicológica em Mateus que perpassa o âmbito temporal, sendo marcante na relação consigo mesmo, cujo diálogo introspectivo se caracteriza na existência de um Tu personalizado por Mateus, uma faceta da sua personalidade fragmentada:

Nós nunca nos demos bem. Os dois divergem de mim, me inquietam, me atormentam. O que não significa que eu seja doido. É uma questão de temperamento. Meu temperamento não gosta de mim, o que é que eu vou fazer? Gostar já não digo, diverge. Meu temperamento diverge de mim mesmo. Assim como meu corpo. Desconfio que até mesmo o meu sangue. Somos muitos – eu, meu outro eu, meus muitos eus, meu temperamento, meus pensamentos, meu corpo, meu sangue. (CARRERO, 2007, p. 155).

Visualizamos, claramente, uma influência da relação primária entre tia e sobrinho que contribuiu na construção de sua psicose, indiferença e introversão. Mas será, apenas, esse laço precoce suficiente para explicar tal psicopatologia? Afinal, o nosso protagonista teve outros vínculos que contribuíram para essa questão, e que merecem também ser trazidos à tona: Dolores, Biba e a figura paterna. Mencionamos anteriormente que os três – Dolores, Biba e Mateus – passaram a compartilhar a mesma residência em Arcassanta e, com isso, pode-se desenvolver um ambiente familiar, mas com um fator tradicionalmente inesperado em uma família: o incesto. O incesto perpassa por várias gerações no interior desta família, entre os diversos membros, tais como: pai e filha, mãe e filho, tio e sobrinha e entre irmãos.

Considerado um tabu universal pelas sociedades, pode-se dizer que a dinâmica familiar do caso clínico, aqui em questão, é baseada em segredos, pois relações de natureza incestuosa são alvo de estigmas. Vale salientar que, para o campo da psicanálise, o Édipo é exatamente a estrutura mínima que permite a entrada do sujeito no mundo simbólico (RAMIREZ, 2004).

Esse segredo começara na geração passada, iniciado pelo possível caso incestuoso de Ernesto com a filha Raquel, fato sobre o qual a narrativa dá indícios de ter havido uma relação sexual em situação que deixa dúvidas se as personagens sabiam quem eram os parceiros. Também entre Dolores, Jeremias e suas irmãs, sendo ele o pai biológico de Mateus, que chega a notar a semelhança com o seu progenitor, a partir das fotografias encontradas: “parecia demais comigo” (CARRERO, 2007, p. 39).

Curiosamente, as relações incestuosas, que se iniciaram na geração passada, entre outros membros da família, ocorrem, novamente, entre Mateus e Biba. Isto é, há uma tendência de o incesto se repetir por várias gerações de uma mesma família, retratando a *compulsão à repetição*, movida, segundo Freud (1920), pela pulsão de morte. Em termos psicanalíticos, isso pode ser explicado pelo conceito de continuidade intergeracional, o qual diz que conteúdos mal resolvidos em uma geração familiar são transmitidos para as próximas por uma tendência à repetição, que resulta em um ambiente adoecido, como apontaram Alves-Silva e Scorsolini-Comin (2019), em estudo sobre a transmissão de adoecimento familiar pelas gerações.

Neste caso, o que não foi elaborado seria o incesto, assim como os comportamentos e subjetividades ligados a ele, fortemente sustentados pelos segredos e pactos de silêncio. Tudo isso pode ter iniciado com a violência sexual cometida por Ernesto contra Raquel, que, ao não ser elaborada, não cessa de reaparecer, de forma aparentemente naturalizada em sua prole: “Podia sentir o que estava se passando, a razão pela qual as fotografias se repetiam” (CARRERO, 2007, p. 40). Nesse trecho, Mateus comenta a sua percepção de: por que o modelo de fotografia que Jeremias usou se repetia, novamente, com ele e Biba? Isso demonstra que, até em fatos simples, como tirar uma foto, as práticas retornam, de uma geração a outra.

O mesmo acontece com a natureza do vínculo que predomina nessa família, pois há aspectos intrapsíquicos enraizados, construídos no passado, que retornam de forma aparentemente inconsciente. Situações mal resolvidas: “tenderão a se repetir de geração em geração, até ao ponto de tornarem-se mitos, que, enquanto tais, não perdem a força e tendem a redundar em adoecimentos nas dinâmicas familiares, porque não elaborados” (PINCUS; DARE, 1987 *apud* SANTEIRO *et al.*, 2014, p. 97).

Esse fator – a falta de elaboração simbólica, ao longo das gerações – impede a interdição dos desejos incestuosos presentes nos membros da família Cavalcante do Rego, o que resultou em consequências na subjetividade do Mateus, pois há uma relação entre incesto e psicose. Mesmo que desejos incestuosos estejam presentes na vida de cada ser humano, o que os tornam danosos não são a sua própria existência, mas a sua concretização em atos, entre os membros

da sua família, revelando a falta de interdição da Lei, podendo comprometer a formação do ego, de maneira coesa, integrada e separada do Outro. Desse modo, é necessário impor a lei à criança pela fala, pelo *não*, já que a linguagem é o principal aspecto que nos torna sujeitos de cultura, o que exige, como pré-requisito, o limite, separando-nos da dimensão exclusivamente biológica.

A “lei” deve ser imposta por um pai simbólico, que vai colocar limites no vínculo mãe/cuidador-bebê, como já explanado. Esta relação mãe-bebê, inicialmente, é simbiótica e precisa ser interditada por um terceiro, para que o sujeito caminhe e progrida no seu processo de separação e individuação. Isso o permite tornar-se “sujeito”, que é um ser de falta. Tendo esse vazio estruturante da condição humana, pode-se instaurar e manter a condição desejante, perpetuada pela impossibilidade de completude. Portanto, só podemos desejar o que nos falta, sendo isso inexistente quando o sujeito fica preso ao gozo do Outro, já que, como tal, nada falta. Continuar nisso pode desencadear a psicose, pois: “o sujeito permanece alienado ao desejo materno, na condição de falo imaginário e objeto da fantasia da mãe” (SANTOS; LESSA ANDRADE FILHA, 2016, p. 233).

A partir disso, podemos estabelecer que há um aprisionamento de Mateus à figura feminina. Ele sente como deve se compadecer, atormentando-se com o choro, angústia e submissão, por aquilo que interpreta ser uma situação de angústia para Biba e Dolores, em alguns momentos da narrativa. Isto é, Mateus se coloca no lugar de ambas para imaginar o que elas estão sentindo em determinadas situações, e, como tal, atribui um sentimento proporcional ao momento. Ou melhor, sente-se extremamente identificado com essas personagens femininas, não se vendo diferenciado e distinto delas. Então, se ele imagina que Biba está triste, deve também ficar, em solidariedade a ela. Essa ligação parece ser tão forte que Mateus manifesta desejos sexuais por Dolores, embora se atormente por isso:

Naquele momento eu me convenci: o alguém que me desesperava era Dolores. Para me castigar. Para me torturar. Para me atingir. Como era que um filho entrava no banheiro para ver a mãe no chuveiro? Eu queria ver as duas de novo. As duas juntas. Abraçadas. Ela sabia me castigar. Conhecia muito bem meus sentimentos. (CARRERO, 2007, p. 93).

Visualizamos nessa passagem que há possibilidade de Mateus nunca ter se libertado do gozo materno – mesmo que a sua infância já tenha passado, estando, provavelmente, entre o fim da adolescência e adultez, pelo que se interpreta da obra – retratando uma fixação em um tempo lógico anterior de sua existência. Por conseguinte, Mateus ainda manifesta desejo

incestuoso pela mãe, assim como sente-se preso ao desejo materno, já que o mesmo nunca teve a presença de uma figura paterna para mediar esse vínculo incestuoso, passando à margem da castração simbólica, que pode caracterizar o desencadeamento da Psicose.

De acordo com Lacan (*apud* DOR, 1989), o psicótico não se beneficia do instrumento simbólico que possa operar simbolicamente o corte, expressando a sua situação em termos da forclusão do nome-do-pai. Desta forma, o psicótico se encontra aprisionado/capturado no lugar de falo materno, ou seja, na posição de objeto (falo), colocando-se como suposto complemento ao que falta à mãe. Esse ponto torna-se a questão preliminar da psicose, cuja característica principal é a não inscrição do significante nome-do-pai na subjetividade do sujeito. Portanto, a metáfora paterna promove toda uma organização psíquica, permitindo a entrada do sujeito no simbólico e, por conseguinte, a sua ausência pode promover a psicose.

Assim, o nome-do-pai entra em substituição ao falo como objeto de desejo da mãe. Produzindo o nome-do-pai, a criança nomeará, metaforicamente, o objeto fundamental de seu desejo, embora sem o saber, já que o significante originário foi recalçado. Mas esse processo é passível de falha na estrutura simbólica, e implica na forclusão do nome-do-pai, acidente que ressoa sobre a estrutura imaginária, dissolvendo-a e conduzindo-a à estrutura elementar, o que provoca a desestruturação imaginária, paradigmática da psicose (RAMIREZ, 2004, p. 89)

Assim, a função paterna exerce o suporte identificatório que torna possível o sujeito lidar com a castração simbólica. A ameaça emitida pelo pai, ao assumir a posição do significante, corresponde ao recalque primário, mecanismo de defesa que “manda” o objeto de desejo materno ao inconsciente. Isso estabelece a lei simbólica no sujeito, a proibição do incesto, que interdita o laço mãe-bebê, dando um basta ao incestuoso e ao transbordamento do gozo.

O que se pode falar da relação entre Mateus e a figura paterna é que Mateus introjeta a imagem de Ernesto em sua subjetividade como um consolo, sem, de fato, se inscrever como função simbólica. Isso pode ser visualizado quando ele veste as roupas de seu “pai”, sendo ridicularizado por um vizinho e, logo em seguida, exclama: “Tive vontade de voltar gritando eu sou meu pai, filho da puta, você não está vendo que eu sou meu pai?, vim buscar meu filho que anda abandonado pelo mundo” (CARRERO, 2007, p. 31). Com essa fala, podemos observar a solidão dilacerante que Mateus carrega dentro de si, pela percepção de ser sozinho, sendo necessária a salvação que provém do Outro barrado, para o fim da sua angústia decorrente do abandono e das falhas do ambiente familiar.

A presença do Outro absoluto na psicose é extremamente conflitante. Tendo em vista que o inconsciente é atemporal, todos os acontecimentos formulam-se em um só tempo e, de forma

indiferenciada. Para Mateus, a causa dos seus problemas e de todas as suas angústias perpassa de pessoa em pessoa. Ora é sua mãe Dolores que invade os seus pensamentos e o vigia em um angustiante silêncio; ora é Biba, que pode estar morta ou brincando de estar morta apenas para confundi-lo. Mateus possui a certeza que as figuras femininas da trama sabem de tudo o que se passa em sua mente, como se fossem todas uma só, não havendo nenhum filtro entre eles.

Essa característica marca a presença do Outro absoluto, relação na qual o personagem se encontra totalmente submetido às suas escolhas e às suas ordens, sendo um mero objeto de gozo do Outro. Como citado anteriormente, a carência do nome-do-pai para a interdição da relação mãe/cuidador-bebê na infância trouxe, como consequência, uma estruturação psíquica, na qual há uma perda de contato com a realidade ou uma fenda na realidade, que instaura a necessidade de reconstrução da mesma pelo delírio. O delírio ocorre, então, como uma tentativa de restauração da realidade. Para o psicótico, é preciso construir algo que supra a ausência do pai simbólico, inventando maneiras de existir para além da ordem fálica e de sua influência inconsciente, dando a possibilidade da construção de um sentido para sua relação com o Outro.

O último fator que iremos destacar é o ambiente, sendo o casarão da praça Chora Menino descrito como um berço de obscuridade, solidão e indiferença. Portanto, ambiente, aqui, deve ser entendido para além do espaço físico, contemplando, sobretudo, o seu aspecto emocional e afetivo. Em uma perspectiva winnicottiana, o indivíduo necessita de um ambiente suficientemente bom para que ocorra o processo de maturação do ego de forma saudável. Sendo assim, é fundamental um ambiente que forneça condições facilitadoras para o desenvolvimento intrapsíquico do indivíduo (RIANI; CAROPRESO, 2013).

Como já apontado, esse local foi o berço de criação para Mateus. A sua percepção sobre esse lugar ocorre por meio de uma adjetivação pessimista, sendo descrito como sombrio e silencioso, não só pelo ambiente físico em si, como assinalado acima, mas pela fragilidade e instabilidade de relações intersubjetivas. É como se qualquer perspectiva de vida saudável fosse inexistente. A partir disso, pode-se dizer que é um ambiente fortemente marcado pela pulsão de morte, que estimula a repetição de situações vividas por outros membros de gerações anteriores da família e, por conseguinte, dificulta a ressignificação, por parte do protagonista, de suas próprias experiências de vida. Assim, o ambiente familiar, como um todo, era permeado de crimes, incestos, segredos, atravessado pela compulsão à repetição, movida pelo domínio da pulsão de morte.

É fato dizer que essa questão foi estruturada pela inter-relação dos personagens, já que o ambiente por si só não poderia se estabelecer como uma entidade metafísica que determina a

conduta dos personagens, bem como a construção da subjetividade deles. Se chegou nessa particularidade de condição de vida foi porque houve, em alguma medida, o protagonismo dos sujeitos, pois o mundo só existe até ser notado/reconhecido por eles mesmos.

Aqui, retomamos Freud em *Além do princípio de prazer* (1920/1996), ao apontar que a linha da vida anda em paralelo com a linha da morte, sendo o ser humano, ao mesmo tempo, vida (construção) e morte (autodestruição). E quando esta última vai predominando sobre a primeira, o sujeito passa a viver movido pela autodestruição, angústia e sofrimento, que pode ocasionar um adoecimento psicológico, presente em Mateus.

Considerações finais

De forma geral, este artigo procurou compreender a gênese da loucura no protagonista de *O amor não tem bons sentimentos* (CARRERO, 2007). Para isso, foi fundamental analisar a história de vida desse personagem, Mateus, que nos forneceu informações pertinentes para entender a sua forte aproximação com a estrutura clínica da Psicose. Isso pode ser evidenciado a partir das suas relações objetais primárias, que foram falhas na constituição dele como sujeito, deixando-o prisioneiro/capturado ao gozo materno, impossibilitando-o de se beneficiar da castração simbólica. Vale assinalar que o incesto transgeracional é a dinâmica familiar deste enredo, que se iniciou em gerações passadas, com Ernesto, Dolores e Jeremias.

A repetição de comportamentos incestuosos e homicidas e de adoecimentos psíquicos entre os vários membros da família chegou a Mateus, pois este também apresenta um vínculo incestuoso com a menina Biba, além desse personagem desejar a sua própria mãe. Contudo, não fica evidente se as relações sexuais entre Biba e Mateus se caracterizam como uma violência sexual forçada e não consentida, por falta de informações explícitas, embora não se possa negá-las. Ainda: o ambiente psicológico – fator que vai além do físico – é marcado fortemente por crimes cometidos pelos personagens Dolores, Ernesto e Jeremias, o que transmitiu aspectos doentios para Mateus, também. Sendo assim, todo este contexto do personagem explicita uma condição humana ligada à pulsão de morte.

Ademais, um outro aspecto que nos permitiu fundamentar a condição clínica do protagonista carreriano seria a estética narrativa da dissociação egóica de Mateus, pois, em alguns momentos de seu discurso, há uma troca de grafia no nome para “Matheus”, que pode indicar a inconsistência e fragmentação de sua personalidade. Essas conturbações em sua personalidade se manifestam em sua posição subjetiva aprisionada/capturada aos desejos do

Outro, nos delírios, como um meio de suportar a realidade intolerável e reconstruí-la delirantemente, e no sofrimento de não ser notado significativamente por terceiros, caracterizando um narcisismo demasiado.

A partir disso, elegemos como teoria fundante para o amparo da nossa hipótese a psicanálise freudiana, winnicottiana e lacaniana. Estas perspectivas enfatizam o desenvolvimento infantil saudável como um ponto imprescindível para a construção do sujeito. Segundo a perspectiva winnicottiana, o desenvolvimento saudável do sujeito dá-se pela presença de uma mãe suficientemente boa, que proporcionará ao seu filho o apoio necessário para o enfrentamento das suas demandas psíquicas.

Isto será o fator primordial para a construção de um ego saudável, tornando-se possível a instauração da castração simbólica e, conseqüentemente, a passagem pelo Complexo de Édipo, postulado por Freud e reelaborado por Lacan, em suas teorias. Caso não ocorra um desenvolvimento saudável da psique do sujeito, cuja formação e integração do ego prossegue de forma deficitária, pode ser desencadeada a fragmentação do *self*, tendo em vista que o verdadeiro *self* não emergiu, fazendo com que o indivíduo não reconheça a realidade, sendo essa lacuna preenchida por aspectos alucinatorios e delirantes, configurando um fenômeno muito presente na Psicose.

Desse modo, essa pesquisa proporcionou a utilização de conhecimentos da psicanálise para a construção de uma hipótese diagnóstica que explique a condição psicológica de um personagem fictício. Isso permite ao leitor construir um raciocínio clínico de forma coesa e fundamentada, utilizando uma obra literária como base. É um exercício importante para graduandos da Psicologia, pois o construto de um diagnóstico, de uma análise e de um olhar atento a uma singularidade se estende para além da academia, sendo o saber científico presente no psicodiagnóstico, próprio da clínica, independente da abordagem adotada pela/o psicóloga/o. Ao reconhecermos isto, faz-se necessário percebermos o quanto ainda há para ser feito no campo da clínica, tendo em vista a importância de mantermos uma postura honesta a respeito do nosso saber, na construção de um diagnóstico, inclusive quanto às ambições decorrentes acerca de uma “cura”.

Entretanto, este estudo requer mais pesquisas para uma melhor compreensão dessa temática, pois a obra carreriana permite inúmeras interpretações, dando margem para novas investigações sobre aspectos aqui não abordados: por exemplo, o ideal religioso criado por Jeremias, através do evangelho cristão, possuindo o objetivo de acolher os que são estigmatizados da sociedade, que se torna uma meta desviada de sua própria finalidade, devido

à corrupção e perversidade desse personagem; ou ainda, a alternância gráfica do protagonista Mateus, que também pode ser outro ponto de uma análise mais precisa; assim como a incógnita morte de Ernesto poderia ser um ponto de partida para uma nova investigação.

Por fim, tudo o que foi aqui construído evidencia a complexidade de se chegar a um diagnóstico, haja vista que a manifestação dos aspectos doentios, próprios da condição humana, deve ser compreendida de modo interdisciplinar, isto é, na relação do ser consigo e com terceiros, pois, só nós, seres humanos, nos constituímos como sujeitos pela mediação do Outro.

Referências

ALVES-SILVA, Junia Denise; SCORSOLINI-COMIN, Fábio. As famílias podem (se) adoecer: revisão integrativa da literatura científica. **Vínculo**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 23-43, jul./dez. 2019. DOI:10.32467/issn.19982-1492v16n2p23-43. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902019000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 set. 2020.

AMORIM, Cris. A presença do duplo em *O amor não tem bons sentimentos*, de Raimundo Carrero. **Fórum de Literatura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 2009, p. 23-34. DOI:<https://doi.org/10.35520/flbc.2009.v1n2a17157>. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/flbc/article/view/17157/14497>. Acesso em: 07 mar. 2020.

BATISTA JÚNIOR, Helvio; DACORSO, Stetina Trani de Meneses e Psicose: algumas considerações. **Cadernos de Psicologia**, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 223-237, jan./jun. 2019, Disponível em: <https://seer.cesjf.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/1985>. Acesso em: 30 jul. 2020.

BEZERRA, Amilcar Almeida. Movimento Armorial x Tropicalismo: dilemas brasileiros sobre a questão nacional na cultura contemporânea. V Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador, **Anais** [...]. Salvador, BA, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/268293322_MOVIMENTO_ARMORIAL_X_TROPICALISMO_DILEMAS_BRASILEIROS_SOBRE_A_QUESTAO_NACIONAL_NA_CULTURA_CONTEMPORANEA. Acesso em: 01 set. 2020.

CARRERO, Raimundo. **O amor não tem bons sentimentos**. São Paulo: Iluminuras, 2007.

COSTA, Eliene. Medeiros da. O humano decadente em *Maçã Agreste*, de Raimundo Carrero. In: ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de (org.) **II Congresso Nacional de Literatura**. João Pessoa. **Anais** [...]. João Pessoa, p.958-968, 2014. Disponível em:

LUMEN, Recife, v. 31, n. 1, p.33-53, jan./jul. 2022

<https://books.google.com.br/books?id=nvRZBwAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=inauthor:%22Maria+do+Socorro+Silva+de+Arag%C3%A3o%22&hl=ptBR&sa=X&ved=2ahUKEwiZxfS3y53sAhV5HrkGHSnBDIgQ6AEwA3oECAUQA#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 08 mar. 2020.

DOR, Joel. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização** (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 21). Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer. *In: Obras psicológicas completas*: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LINS, Samuel Lincoln. Bezerra. Psicose: diagnóstico, conceitos e reforma psiquiátrica. **Mental**, Barbacena, v. 5, n. 8, p. 39-52, jun. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167944272007000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 07 ago. 2020.

MONTEIRO, Mayla Cosmo. **Um coração para dois: a relação mãe-bebê cardiopata**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=4350@1>. Acesso em: 26 fev 2021.

MORAIS, Fernanda Gonçalves de Abreu. Rocha. de; OLIVEIRA, Rayssa Caroline de.; GUSMÃO, Ricardo Otávio Maia. A clínica da psicose: uma direção à possibilidade. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, Montes Claros, MG, n.39, p.2456, 2020. DOI: <https://doi.org/10.25248/reas.e2456.2020> Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/2456>. Acesso em: 30 jul. 2020.

RAMIREZ, Heloisa Helena Aragão. Sobre a metáfora paterna e a forclusão do nome-do-pai. **Mental**, Barcelona, ano 2, n.3, p. 89-105, nov. 2004. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/mental/v2n3/v2n3a08.pdf>. Acesso em 01 jul. 2021

RIANI, Anna; CAROPRESO, Fátima. O desenvolvimento psíquico precoce e o risco de psicose de uma perspectiva psicanalítica. **Mental**, Barbacena, ano.10, n. 19, p. 249-265, jul./dez. 2013. Disponível em: https://scholar.google.com/scholar?client=ms-android-lge-rev1&um=1&ie=UTF8&lr&q=related:nq8_zJdNRilxBM:scholar.google.com/#d=gs_qabs&u=%23p%3Dnq8_zJdNRikJ. Acesso em: 07 jun. 2020.

SANTEIRO, Tales Vilela. *et al.* Psicodinâmica das relações incestuosas: assassinato e renascimento da alma em Preciosa. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 19, n. 1, p. 93-102, jan./mar. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-7372189590009>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722014000100011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 31 jul. 2020.

SANTOS, Leonardo Carvalho; ANDRADE FILHA, Lêda Lessa. Psicose e Psicanálise: observações sobre o diagnóstico. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, v. 5, n. 2, dez. 2016. DOI:10.17267/2317-3394rpd.v5i2.1053. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/1053>. Acesso em: 07 ago. 2020.

SILVA, Sérgio Gomes da. Do feto ao bebê: Winnicott e as primeiras relações materno-infantis. **Psicol. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 29-54, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652016000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26 fev. 2021.

SILVA, Vanessa Gomes da; LEMGRUBER, Karla Priscilla. Relação mãe-bebê na psicanálise: um breve estudo teórico. **Revista Psicologia e Saúde em debate**, Minas Gerais, v. 3, n. 2, p. 90-102, dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.22289/V3N2A8>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/321539262_A_RELACAO_MAE_BEBE_NA_PSICANALISE_um_breve_estudo_teorico. Acesso em: 30 jul. 2020.

Recebido em: 12.08.2021
Aprovado em: 04.11.2021

Para referenciar este texto:

LEONCIO, Bruna Rafaela Calasans *et al.* O amor não tem bons sentimentos: o que a psicanálise pode dizer? **Lumen**, Recife, v. 31, n. 1, p. 33-53, jan./jun. 2022.